

# Índice

## 1. *Prólogo* 7

---

### Um microcosmos de ouro e de lama 9 *Carlos Martínez Shaw*

---

Interminável florilégio esse, que se dedica à Sevilha do século XVI. A «Grande Babilónia de Espanha» impressionou o espírito dos contemporâneos, pela sua incrível vitalidade, o seu prodigioso dinamismo. Este vigor exprimia-se em todos os domínios da actividade humana: na produção de riquezas, na mobilidade social, no auxílio aos necessitados, na curiosidade científica, na euforia das festas, no fervor religioso, na criação literária e artística, no cintilar infindo de uma comunidade como que desenhada num claro-escuro violentamente contrastado.

## 2. *Uma cidade-mundo* 17

---

### Entre Colombo e D. Quixote 21 *Juan Eslava Galán*

---

Sevilha é uma cidade de larápios e de arrivistas, de camaleões humanos que parecem viver do ar, de passageiros fixos, cuja função é aguardarem, com uma paciência evangélica, que a fortuna os acorde, sacudindo os batentes enferrujados das suas portas.

## De Triana ao Arenal, uma cidade-rio

37

*Santiago Tinoco Rubiales*

---

Dentro de portas a cidade oferecia uma paisagem colorida de suas colinas, jardins, *villas*, mosteiros e subúrbios, em especial Triana; com a febril actividade do Arenal, praia do Guadalquivir; a muralha em si mesma, com as suas numerosas portas e torres; o rio, cingindo a cidade a oeste, sulcado por numerosas embarcações; e o aqueduto, que fornecia a água...

## O pequeno mundo do Guadalquivir

53

*Marina Alfonso Mola*

---

Ao longo do rio, sucediam-se todos os ofícios ligados ao mar ou à navegação. Fábricas artesanais de utensílios especializados, de redes e de cordame; telheiros e armazéns, balcões de venda, mercados de peixe... As casas e oficinas encostavam-se à muralha, que cercava a cidade, criando novos bairros.

## 3. Sede de ouro

71

---

## O «monopólio» e a obsessão do dinheiro

73

*José María Oliva Melgar*

---

Na realidade, o monopólio do comércio das Índias constituía um universo complexo de interesses públicos e negócios privados, que divergiam em tudo, salvo no essencial: reservar a alguns, e só a esses, «os preciosos frutos extraídos da terra, com o suor dos índios e encaminhados, graças à nossa audácia e ao nosso engenho».

## O regresso de uma expedição... a febre sobe

85

*Antonio Cascales*

---

Dos primeiros a saber a notícia, os velhos marinheiros, tinham já tirado das arcas o colete de gamo, roído pelos ratos, e mandado engomar o cabeção à moda valónica, prevendo festas, procissão, felicitações, homília e combates de galos.

Aristocratas e mercadores 97  
*Antonio García-Baquero Gonzalez*

---

Apesar do impacto do comércio das Índias e das suas ondas de choque económicas e sociais, a sociedade sevilhana permaneceu hierarquizada e cristalizada. A cada qual, o seu lugar e a sua classe social: à cabeça, a nobreza, exigindo publicamente os seus privilégios e a sua preeminência; depois, as classes médias urbanas, profissões liberais e mercadores; por fim, encerrando o cortejo, os ofícios da cidade, os artesãos.

4. O diabo no corpo 109

---

O pátio dos Malfeitores, pátio dos milagres 111  
*Michel Cavillac*

---

Efervescente e multifacetada, a Sevilha da idade barroca, com a sua cosmopolita e opulenta classe mercantil, os seus escravos exóticos, os seus marginais mesclados de rufiões, as suas prostitutas e as suas «damas» aliciadoras, sem esquecermos os seus omnipresentes pícaros (oriundos por vezes de nobres famílias), disfarçados de mendigos, ilustra amplamente o cognome contemporâneo de «Grande Babilónia de Espanha». Decididamente, o nosso cavalheiresco D. Quixote tinha visto as coisas muito acertadamente: «Ele não podia nem *devia* ir a Sevilha».

Fomes, pestes e inundações 129  
*María Tereza López Díaz*

---

Embora a peste fosse, sem dúvida nenhuma, a doença mais horrível que a cidade sofreu, ao longo do século outras doenças se manifestaram com maior ou menor virulência: o tifo ou febre tifóide, o paludismo, a doença chamada catarro, afecções gripais, a varíola e... a sífilis!

Deus, o Diabo e a Inquisição 141  
*Carlos Alvarez Santaló*

---

O prato de resistência deste copioso espectáculo eclesiástico eram sempre as pregações. A meio caminho entre a cataquese e o teatro,

o púlpito e o tribunal, a cidade retumbava, de praça em praça e de igreja em hospital, de imprecações e de prosopeias retóricas.

## 5. *As artes, a oração e o riso*

---

51

### O mito da «nova Roma» *Vicente Lléo Cañal*

---

53

Evocação constante da capital dos Césares, elaboração de uma genealogia fantástica, que faz de Hércules um antepassado mítico, reivindicação de um destino «universal»... Até que ponto é que este sonho de uma «rainha das cidades» marcou a realidade material e artística da cidade?

### Que a festa comece! *Carlos Martínez Shaw*

---

165

Uma cidade muito populosa, rica e dispondo de muito tempo de lazer oferece as condições ideais para a festa permanente, misturando ricos e pobres, sagrado e profano: justas, jogos de azar, execuções públicas, autos-de-fé, procissões, corridas, teatros, visitas reais, Semana Santa ou Festa do Corpo de Deus...

### O triunfo da comédia *Jean Sentaurens*

---

183

O nascimento e o desenvolvimento do humanismo da primeira parte do século XVI, a invenção e o triunfo da comédia no decurso dos decénios seguintes e o rico florescimento do Parnaso sevilhano que, de Gutierre de Cetina a Francisco de Rioja, abrange mais de um século de história literária, estão estreitamente ligados ao devir próprio da capital andaluza, à sua evolução económica, às vicissitudes do seu comércio, às flutuações da sua demografia.

### Botânica e cartografia: a explosão da ciência! *Pablo E. Pérez-Mallaína*

---

199

Como explicar um contraste tão acusado entre o deserto científico do século anterior e o formidável salto em frente do século XVI? É

a América! Com os questionamentos que suscita, as descobertas, e curiosidade que levanta, o Novo Mundo vai dar um impulso que já ninguém pode deter.

## 6. *Anexos*

---

211

Cronologia

Glossário

217

Bibliografia

Os Autores